

**A mídia na coluna do meio – representação do real no Centro de Mídia Independente<sup>1</sup>**

Ana Caroline de Almeida – Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Ligado a uma rede internacional chamada Indymedia, o site do Centro de Mídia Independente Brasil (CMI) manifesta uma prática de edição que, em seu formato e agendamento de notícias, se assemelha a uma representação da realidade construída pelos grandes meios de comunicação, meios estes criticados pelo próprio CMI. O artigo levanta as características do site, como hierarquização dos textos e auto-propaganda do movimento, e as cruza com a sociologia do conhecimento e as perspectivas filosóficas atadas ao conceito bruto da realidade e do real.

Palavras-chaves: mídia independente; construção da realidade; indymedia

Pode parecer um contra-senso, mas na lógica da vida pós-moderna, faz todo sentido que hoje, em plena era de ouro da fantasia, a realidade tenha se transformado em palavra da hora, da moda e da publicidade dos ‘shows da realidade’ na TV. O conceito do real está cada vez mais presente no slogan ideológico da chamada sociedade da informação, que nos mostra imagens em tempo ‘real’ da ‘real’ tragédia que acontece lá fora. E, enquanto de um lado a gangorra a palavra é proclamada como bandeira dos novos tempos, do outro lado, as ciências sociais, e particularmente a ciência da comunicação, discutem sobre uma ficção socialmente construída pelos chamados *mass media*. Faz sentido porque não há nada mais genuíno que sedimentar um conceito a partir da aplicação de seu significado oposto.

Os *mass media*, tomando agora o lugar que antes era reservado aos mitos na construção social da realidade, são grandes responsáveis (porém longe de serem únicos nesse propósito) na produção e reprodução do conhecimento do mundo. Niklas Luhmann (2000) se pergunta sobre qual a descrição da realidade que os *mass media* produzem e, mais importante, “que tipo de sociedade é esta, que permanentemente se informa sobre si mesma desta maneira?” (p. 112). O estudo dessa particular sociedade, por que, como ela se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 12 – Comunicação para a cidadania, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

comporta e como se vê, serve para entender de que maneira ela, a sociedade, “reproduz os temas que os meios de massas selecionam para transformá-los em informação”.

A questão é que, ciente do poder que esses meios adquiriram desde o surgimento da imprensa, o foco dos estudos de mídia sempre estiveram atrelados ao campo da mídia de massa, pois é para ela que a sociedade responde, seja para concordar, discordar ou simplesmente atender a estímulos. O fato é que, entre aqueles que dizem não aos mecanismos da grande mídia, há quem, fazendo uso de novas ferramentas tecnológicas, crie pequenos núcleos de mídia, batizados com o título de independente, ativista, radical, alternativa ou qualquer outro registro mais adequado. Esses núcleos, agora criados a partir de redes de relacionamento quase sempre virtuais, respondem também a uma estrutura maior que são os *mass media*.

A proposta deste artigo é observar como essa resposta, a partir da experiência de um núcleo específico de mídia ‘independente’, reproduz o próprio contra-senso do que hoje se toma por realidade. A maneira como esses núcleos constroem o seu conceito de realidade, e respondem aos estímulos da realidade socialmente construída, é em si mesma um decalque das perspectivas morais que, segundo o próprio Luhmann, coordenam a representação do real. E como agem em um ambiente socialmente modelado pelas gigantes corporações de mídia, não se pode evitar comparar a estrutura dessas margens de mídia com o epicentro da mesma. Sob essa perspectiva, curiosamente, o formato como a mídia alternativa se constitui chega muitas vezes a ser semelhante ao perfil do *mass media* que ela própria combate, e suas origens dizem muito a respeito tanto do modo de organização da sociedade, como na percepção da realidade em confronto com a ficção.

Para tanto, serão analisados alguns dos vários aspectos importantes no entendimento da mídia independente e sua relação com a construção da realidade. A linha de estudo parte da sociologia do conhecimento, como observada por Berger e Luckmann (1995), até a discussão atual sobre o conceito bruto da realidade em si, passando pelo extenso quadro de referências de Luhmann. O objeto que estará no primeiro plano do artigo é o Centro de Mídia Independente (CMI), site brasileiro ligado a uma rede internacional de mídia chamada Indymedia.

Portanto, antes de prosseguir com o referencial teórico, é preciso esclarecer do que se trata o CMI. O site, criado no Brasil em 2000, é uma ramificação de um projeto que,

atualmente, se encontra em mais de 140 cidades, abrangendo mais de 50 países dos cinco continentes. A proposta unificada do grupo é ser “uma rede internacional de produtores e produtoras independentes de mídia preocupados (as) e comprometidos (as) com a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente”<sup>2</sup>. Trata-se, portanto, de um movimento social por uma mídia livre tanto do direcionamento corporativo das grandes empresas, como conseqüentemente livre da pauta e do agendamento das notícias dos maiores meios de comunicação. A estrutura do site é semelhante em todos os países: na coluna do meio são publicados os chamados “editoriais”, notícias selecionadas e escritas por um grupo de voluntários que se reúne tanto pela internet quanto pessoalmente, em alguma base de operação (geralmente, um cibercafé). Na barra da direita, as pessoas que acessam o site podem escrever ou colar qualquer tipo de texto, estando ou não de acordo com a política editorial do site. Diariamente, a média de textos que vão ao ar na barra da direita é de 40 postagens (este número pode chegar até mais de 60). Tanto na coluna do meio quanto na coluna da direita os leitores são convidados a deixar comentários. A origem dessa rede, bem como seu modo de operação e abordagem sobre os problemas que afetam o mundo, será analisada segundo as teorias que dão conta da construção social da realidade.

No tratado sobre a sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann (1995), a realidade é, por excelência, aquela observada na vida cotidiana das pessoas. E essa realidade está organizada em função do mecanismo do “aqui e agora”. Ou seja, a priori, espaço e tempo determinam trocas simbólicas de interação entre os homens. O relacionamento face a face entre duas pessoas é a célula de qualquer construção social da realidade, pois são elas que criarão as primeiras tipificações que, por sua vez, em um plano maior de socialização, darão origens às institucionalizações. Os autores sabem muito bem explicar esse embrião da realidade social a partir da metáfora de Robison Crusoe e Sexta-Feira. No entanto, alertam: “a realidade da vida diária não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes ‘aqui e agora’. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente” (1995: 39). Segundo eles, o interesse de cada um por essas zonas de

---

<sup>2</sup> Texto escrito da seção “Seja Voluntário” da página [www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)

significação é “menos intenso e menos urgente” à medida que os fenômenos vão se distanciando do “aqui e agora”.

Discutir esses graus de aproximação em determinados grupos contemporâneos cujo nível de socialização com o outro está cada vez mais restrito a um campo virtual daria, por si só, uma pesquisa sobre que importância tem o “aqui e agora” em sociedades cujas relações pessoais estão mais e mais mediatizadas por tecnologias de informação. João Pissarra Esteves, em um estudo sobre a dinâmica do espaço público, reafirma essa relatividade presencial e temporal quando da interferência dos media: “Os media detêm a capacidade de prolongarem quase infinitamente no tempo e no espaço as formas simbólicas, o que constitui uma alteração significativa no modo convencional como se estrutura a experiência coletiva” (2003: 159).

A sociedade, por exemplo, que abre espaço para criação de redes como o Indymedia, está apta a criar tipificações a partir de experiências virtuais, sem com isso se distanciar das preocupações e conhecimentos da vida cotidiana, pois a vida cotidiana agora, também está em diálogos virtuais. O “menos intenso e menos urgente” torna-se, portanto, relativo. A discussão será retomada adiante com o debate sobre a percepção de realidade em contraponto à percepção de fantasia. Neste momento, é interessante rever as consequências do princípio de Berger e Luckmann segundo o qual a realidade se constrói socialmente quando há “uma contínua correspondência entre os *meus* significados e *seus* significados neste mundo que partilhamos em comum, no que respeita à realidade dele” [grifo dos autores] (1995: 40).

Esses significados quando transpostos em uma linguagem comungada por indivíduos ganham a capacidade de transcender o “aqui e agora”. A mídia, embora não abordada neste caso, seria, portanto, uma ferramenta de auxílio à transcendência entre diferentes zonas de realidade (por exemplo: o sonho, o cinema, o livro e a vida cotidiana, sendo esta última a realidade de primeira ordem).

A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo (...) A linguagem é capaz não somente de construir símbolos altamente abstraídos da experiência diária, mas também de ‘fazer retornar’ estes símbolos, apresentando-os como elementos objetivamente reais na vida cotidiana. (1995: 61)

Fica claro, assim, que por meio da linguagem é possível estabelecer diferentes aproximações da realidade e, por que não, acreditar que o próprio conceito do real torna-se vulnerável à maneira como as pessoas dão importância em seu dia-a-dia às distintas zonas de realidade. A mídia, naturalmente, pode interferir na negociação entre os graus de relevância dessas zonas. E, claro, elas o fazem por motivos que estão imbricados na institucionalização de poderes econômicos e políticos. A linguagem é a ferramenta da mídia e, por esse motivo, a mídia não apenas constrói realidade, como em muitos momentos a manipula segundo seus próprios interesses.

Dessa forma, em uma leitura que Enrique Castelló Mayo faz de Enric Saperas, a necessidade de estudos específicos sobre a produção da realidade por meios de comunicação concentra sua atenção “na compreensão do processo de criação de dita realidade como resultado de uma prática continuada de supervisão do entorno, executada por uma série de profissionais especializados e determinada por certas rotinas” (2004:15). A questão aqui é que, diante das novas possibilidades que o indivíduo tem de acesso a tecnologias de comunicação, citando como maior exemplo a internet, a prática do ‘especialista’ passa a ser colocada na berlinda por movimentos sociais que agora adotam como lema do ‘faça-você-mesmo’ ou, como diria o slogan de redes como o Indymedia, “Odeia a mídia? Seja a mídia!”.

Ao observar a maneira como os fracos reagem aos fortes nas relações de força entre os que detém poder e aqueles que têm ausência de poder, Michel de Certeau empreendeu uma pesquisa entre 1974 e 1978 - mas que somente foi publicada em 1980 - sobre como os indivíduos inventam seus cotidianos e, portanto, suas realidades, a partir de táticas utilizadas em pequenos vácuos de poder. Em outras palavras e usando a figura de linguagem do próprio Certeau, tática seria tudo aquilo que, mesmo respondendo ao poder, saberia aproveitar dele os seus restos para criar uma fábrica de sucata. A arte de recriar produtos criativos a partir dessa sucata seria verdadeiramente uma tática de subverter a ordem do poder. Certeau deixa claro: tática é astúcia, é uma manifestação quase sempre espirituosa de lidar com as sobras que caem dos palácios. Não à toa, a rede Indymedia surgiu dentro de um contexto de movimentos que já se auto-proclamavam como mídia

tática, expressão nitidamente inspirada em Certeau, mas emoldurada apenas nos anos 90 por David Garcia e Geert Lovink<sup>3</sup>.

Se colocado frente às teorias de construção social da realidade, o estudo desenvolvido por Certeau pode acrescentar uma camada a mais na abordagem dada à transcendência da linguagem. Quando Mauro Wolf diz que o poder da mídia em construir a realidade social é um poder que flui, que se “adapta às estratégias com que os sujeitos atravessam continuamente os confins que separam os diversos planos da realidade social” (1994: 115), ele afirma que a mídia é um instrumento harmonizador dos modos como o homem opera sua passagem pelas várias esferas de realidade a seu alcance. A palavra ‘planos’ de Wolf bem poderia ser substituída pelas ‘zonas’ de Berger e Luckmann. Mas onde, nesse processo, se encontra a tática?

A tática está na construção da realidade operada na contramare da mídia. Ironicamente, e espirituosamente como já previa Certeau, para nadar contra a corrente da mídia, a melhor tática seria criar uma mídia própria, evocada em nomes dos indivíduos com consciência cidadã. Nessa caminhada constante e involuntária pelos diversos planos da realidade, o sujeito capta um espaço vago que pode ser ocupado por uma representação, que apesar de ser pensada como sua, responde e vai de encontro a uma outra representação maior. A criação de sites como o Centro de Mídia Independente seria, assim, uma das várias táticas de tentativa de responder às representações mediatizadas pelas grandes empresas de comunicação. A questão se torna agora entender não apenas como esses centros respondem às representações da realidade construídas pelos *mass media*, mas saber qual o formato com o qual eles divulgam o que querem. Pois é justamente no formato de organização dos sites que eles podem reproduzir um *modus operandi* semelhante ao da mídia que eles combatem.

Voltando então à questão de Luhmann sobre qual o tipo de sociedade que se informa sobre si mesma por meio da mídia, chega-se ao ponto da perspectiva moral. A sociedade que reproduz os temas escolhidos pelos *mass media* é uma sociedade que ao mesmo tempo ressalta as rupturas, e as conforma em uma moral consoante. Ou seja, na mesma medida em que, graças à lógica da notícia, a mídia coloca de lado a conformidade, a

---

<sup>3</sup> Em *The ABC of Tactical Media* (1997), Garcia e Lovink deixam claro que, embora as mídias táticas incluam mídias alternativas, elas não estão restritas apenas a esta categoria, abrindo um campo que vai em alguns momentos além do campo midiático

repetição do habitual, pois somente lhe interessa a “ação”, o “fato”, ela também valoriza o consenso no lugar do dissenso, a paz no lugar do conflito. A coerência desse aparente estado de opostos está na natureza da própria moral. Pois se existe uma opinião unificada sobre o que vem a ser moral, ela acontece justamente porque, para rejuvenescer seus valores, a moral precisa da ruptura, do escândalo, ou seja, dos *mass media*. “Em lugar de orientar-se pelo que entende por si mesma, a comunicação seleciona a forma da moral para designar algo como um fato que não é um fato: algo que requer persistentemente de admoestação; algo que faz falta e não pode se situar em um quadrante do interno e do externo.” (2000: 116). Trata-se então de equilíbrio, de um balanço entre o que é (a normalidade) e o que deveria ser (a moral que a mídia justifica). A realidade que a mídia ajuda a construir é dessa forma uma realidade ajustada aos padrões da moral, do mundo que deveria ser a partir de certos valores. Os valores com os quais os *mass media* trabalham são valores regidos por grandes poderes. A realidade pode partir da vida cotidiana, mas certamente ela é processada por liquidificadores que dosam a mistura de símbolos tipificados entre a sociedade.

O princípio fundador do Centro de Mídia Independente, e de toda a rede com o qual ele está ligado, não deixa de ser a edificação de uma nova moral, de novos meios de processamentos de símbolos a favor de uma sociedade que precisa rever as tipificações que partem de cima para baixo. O fato é que assim como os *mass media*, eles também reproduzem aquilo que deveria ser, no lugar daquilo que é. A mídia, em qualquer esfera, é uma realidade de segunda ordem, pois se trata da observação no modo de observar a observação, somos nós deixando que a mídia observe por nós mesmos. Portanto, o slogan que o CMI usa – “Odeia a mídia? Seja a mídia” – decalca o sistema de valores morais da grande mídia. Simplesmente porque, uma vez sendo mídia, uma vez organizando-se e pautando suas prioridades publicadas em um site, o CMI opta por tomar o papel de observador, e não mais de ser ativo na construção da realidade em um plano de primeira ordem. De maneira geral, esta é a proposta da coluna do meio dos sites de toda a rede Indymedia. Mesmo sendo um site que se mostra a favor de uma cobertura mais justa em relação aos direitos humanos (cobertura essa que, segundo eles, é omitida pela mídia), o braço brasileiro do Indymedia, no mesmo dia em chegam aos jornais a notícia da chacina de 30 pessoas no Rio de Janeiro, privilegia em seu editorial uma notícia sobre o “sequestro”

de dois computadores do Fórum Legal de Gênova. A auto-promoção da causa do site é, aliás, uma das prioridades da coluna do meio. Frequentemente são divulgadas notícias sobre mídias independentes e rádios livres que sofreram represália da polícia, ou mesmo divulgam textos sobre encontros e seminários sobre essas mídias. Coincidentemente, no mesmo dia em os últimos mortos da chacina eram enterrados no Rio (3 de abril), a mídia televisiva no Brasil deu destaque quase que exclusivo à morte do Papa João Paulo II<sup>4</sup>. O CMI perdia, portanto, uma ótima oportunidade de fazer valer a sua política editorial de “dar voz à quem não têm voz, constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais”<sup>5</sup>. Naturalmente, esse é um problema que envolve tanto o agendamento dos movimentos sociais, restritos apenas às causas que brotam de suas instituições, quanto de motivações e percepção da própria realidade.

Como agendamento de notícias é uma discussão que poderia tomar um outro trabalho, também relacionado ao processo de construção da realidade, serão concentradas aqui apenas as questões relativas às motivações de ser dessa rede, quanto à abordagem da realidade em seu estado bruto. No que diz respeito à origem da criação da rede Indymedia, ela surgiu em um ambiente de movimentos que, em meados dos anos 90, tinham como maior preocupação o processo de globalização e políticas neoliberais. O primeiro site surgiu em Seattle, em novembro de 1999. Naquele momento, a cidade vivia conflitos de rua graças às manifestações contra o encontro da Organização Mundial de Comércio (OMC). A idéia seria assim criar uma página onde fossem disponibilizados vídeos, fotos e textos sobre tudo aquilo que a CNN ignorava. A partir de então, outras cidades dos Estados Unidos e da Europa foram criando sites com a mesma estrutura, ou seja, a coluna do meio com informações selecionadas pelos voluntários que decidem em conjunto o que publicar, e a coluna da direita, aberta a qualquer manifestação.

Tanto no Brasil como em qualquer outra página da rede Indymedia, a coluna da direita costuma receber todo tipo de material, frases, artigos, fotos ou apenas desabafos. Muitos dos textos que chegam à barra da direita são racistas, sexistas, conservadoras e,

---

<sup>4</sup> Apesar da omissão da notícia sobre a chacina na coluna do meio, o site recebeu, no dia 3 de abril um comentário sobre o acontecido na coluna da direita, questionando o papel da mídia na cobertura do evento em comparação à cobertura que deram à morte do Papa.

<sup>5</sup> Texto escrito da seção “Sobre o CMI” da página [www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)



claro, neoliberais. O importante, neste caso, é disponibilizar o espaço, é abrir a área para qualquer opinião. Curiosamente, é na coluna da direita que as pessoas que acessam à página arrumam espaço para criar suas próprias táticas.

Essa organização hierárquica das notícias (no meio, ilustrado por foto ou desenho, está o que eles escolhem, na direita, em uma barra cuja largura tem menos da metade da coluna do meio, o que as pessoas querem) responde, na verdade, a uma necessidade que o movimento Indymedia tem, nesse primeiro estágio de sua formação, em criar dispositivos que sirvam para validar a rede. E eles se validam tanto por meio de notícias sobre a repressão que os próprios sofrem, quanto por textos sobre questões que eles mesmos estabeleceram cruciais, tais como biotecnologia, ocupações de sem-teto, direitos dos estudantes, entre outros. Retomando por cima o problema de agendamento, a realidade para o grupo de pessoas que escreve e decide a coluna do meio é uma realidade que se abstém de discutir a realidade construída pelos *mass media*. Ao contrário do que o site brasileiro se propõe, ao questionar as informações divulgadas pela mídia empresarial que distorce, não há qualquer tipo de diálogo entre a mídia independente do CMI e a mídia corporativa das grandes empresas. E isso se deve em parte à percepção que os indivíduos hoje têm no próprio conceito de realidade.

Utilizando uma discussão que se tornou corrente depois da exibição do filme *Matrix* (1999), filósofos e cientistas sociais se debruçaram, ironicamente a partir de um produto de massa da indústria cultural, sobre as questões que se referem ao real, pois o roteiro incita que os seres humanos vivem imersos em um deserto de real, onde os mecanismos simbólicos anulariam mesmo a possibilidade do objeto concreto, do corpo. Dois anos depois do lançamento de *Matrix*, outro ‘filme’ que tomou as televisões do mundo inteiro, deu um novo fôlego para o mesmo debate sobre realidade. O 11 de Setembro nos Estados Unidos e as incansáveis exibições das torres gêmeas caindo em rede internacional, fomentaram uma profícua discussão sobre o real e o imaginário no contexto do homem pós-moderno. Slavoj Žižek (2003), em uma referência a ambas as imagens (a de *Matrix* e da queda do *World Trade Center*), identifica na sociedade pós-globalização algo que ele denomina “paixão pelo real”, o que seria, em outras palavras, a paixão por uma nova realidade, uma nova ordem. Quase sempre fundamentado nas teorias lacanianas, Žižek explica como seria essa paixão por um real que ele acredita ser cênico (note-se: não é amor,

é paixão, o que induz a um elemento por si só dramático e espetacularizado). Pois o real é cada vez mais tomado pelo surgimento de filmes snuff, pelo sucesso dos Big Brothers, e por outros artifícios que se batizam como sendo, acima de tudo, reais. Em todos os casos, o real seria uma invasão violenta em um estado de normalidade, e esta invasão pode ser realizada tanto por uma câmera quanto por dois aviões que se chocam com a normalidade do dia-a-dia de Manhattan. Zizek coloca ataques terroristas de uma maneira geral como sendo uma genuína expressão de paixão pelo real. Pois eles, por meio também da violência, acordam as pessoas para uma realidade que é excessiva, tão excessiva que “parece filme”, lembrando aqueles que se espantaram ao ver as torres de Nova York desabando.

O que Zizek aponta em relação ao 11 de Setembro é de que “não foi a realidade que invadiu nossa imagem: foi a imagem que invadiu e destruiu a nossa realidade (ou seja, as coordenadas simbólicas que determinam o que sentimos como realidade)” (2003: 31). A justificativa para essa inversão de raciocínio é a de que, antes mesmo do 11 de Setembro acontecer, a indústria cinematográfica de Hollywood havia previsto eventos semelhantes, situados na maior parte das vezes em Nova York, em alguns momentos invadida por terroristas. A realidade vivida até então por aqueles que acompanharam esses filmes no cinema era uma realidade experimentada na ficção. E, no entanto, ninguém admite viver em uma fantasia, pois a vida cotidiana socialmente construída está “aqui e agora” diante de todos. O que não se levou em conta, portanto, foi que o “aqui e agora” construído tanto na rua quanto pela mídia – e aí entenda-se desde imprensa até publicidade e produtos da indústria cultural –, é um “aqui e agora” cênico (antes da mídia, como já foi dito antes, o mito tinha um papel importante nessa familiarização dramática dos objetos). No tratamento psicanalítico de Lacan, para compreender o real, o indivíduo precisa atravessar a fantasia e se perceber dentro dela. Zizek explica:

Na vida diária, estamos imersos na ‘realidade’ (estruturada e suportada pela fantasia) e essa imersão é perturbada por sintomas que atestam o fato de que outro nível reprimido de nossa psique resiste a ela. ‘Atravessar a fantasia’, então, significa identificar-se totalmente com a fantasia – a saber, com a fantasia que estrutura o excesso que resiste à nossa imersão na realidade diária. (2003: 32)

De que maneira o surgimento da rede Indymedia responde a essa “paixão pelo real” é fundamental para entender por que a rede funciona com suas colunas do meio. A realidade desses grupos, quando são comunicadas via internet, perde a dinâmica inerente ao próprio meio online. As mensagens no CMI, e esta, vale ressaltar, é uma particularidade do site brasileiro, pretendem sempre ser informativas, claras e sérias. Nos chamados editoriais, não há praticamente espaço para agressões ou ironias, nenhum sentimento forte, apenas “notícias”. Ironicamente, neste caso, não falta paixão, falta real àqueles que organizam os editoriais. Pois a percepção de realidade aqui nega completamente a possibilidade de fantasia. Atravessar a fantasia, então, seria impossível. Para os voluntários do CMI, a realidade é um bem que não tem verdades nem mentiras, ela simplesmente é. É como se as coordenadas simbólicas que nos determinam a geografia do real não interferissem na constituição social da realidade, e vice-versa. Importante ressaltar que, assim como nos comentários deixados pelos leitores aos editoriais, quanto nos textos escritos e respondidos na coluna da direita, agressões, ironias e até piadas de mal gosto são constantes. Há mais liberdade para a fantasia nesses espaços e, portanto, para a realidade que é por ela estruturada.

É necessário esclarecer que um outro fator colabora também para que a rede Indymedia opte pela forma como atualmente divulga suas notícias. Ao utilizar a internet, meio que é tido atualmente como o ambiente mais democrático no acesso do fazer comunicativo, para divulgar as respectivas realidades de cada integrante e do conjunto inteiro que participa para produzir a página, o Centro de Mídia Independente recorta apenas o que é óbvio ao universo dos movimentos gerados por jovens que, sim, desejam viver em um mundo melhor. As discussões em torno, por exemplo, do movimento estudantil, são ecos de discussões que já passaram do status de notícia para uma institucionalização dentro do ambiente estudantil. Ou seja, discutir sobre o papel da UNE e questioná-la são mecanismos de legitimação da própria UNE, que não vive sem esses tradicionais embates filosóficos e, no entanto, não é mais ou menos atuante por isso. Da mesma maneira, ressaltar o papel de mídias independentes dentro de um site que se propõe ser uma mídia independente é estancar em um contínuo processo de legitimação de si mesmo que não acrescenta muito ao propósito do site (a priori, o último dos objetivos seria pautar o marketing ‘pessoal’ do movimento). Curiosamente, como as atividades do Centro de Mídia

Independente não se reduzem ao site, mas se ampliam em manifestações que utilizam outros meios, é importante observar que em outros ambientes que não a internet, o CMI se mostra mais livre de um modelo reduzido a colunas 'editoriais' e colunas de comentários. Em um jornal aperiódico editado pelo grupo do CMI de São Paulo, o Ação Direta, a presença do humor e de textos mais passionais é bem maior. É claro, no entanto, que a comparação entre meios impressos e sites não pode ser reduzida apenas ao conteúdo de cada um, pois cada meio pressupõe uma diferente lógica de funcionamento. O fato é que, estando presa a esse modelo internacional de hierarquização dos textos, o CMI reproduz em sua coluna do meio a mesma manipulação simbólica que os *mass media* produzem. Não se questiona se essa manipulação está a favor do 'bem' ou do 'mal', pois as táticas das quais Certeau falava operam justamente com as ferramentas dos fortes (sendo a ideologia uma delas), uma vez que elas estejam no não-espaco sucateado pelo poder. Mas se tática, como Certeau afirmou, é astúcia, então o que se deve estudar não é a eficácia, mas as causas que motivam o CMI e sua rede a se configurar da maneira como são. É a partir da construção que socialmente esses grupos fazem da realidade, e a partir da realidade previamente construída que os contextualiza no mundo, é que se pode entender qual a natureza de mídias como essa.

O fato delas se localizarem na internet e de vislumbrarem um número maior de possibilidades em novas tecnologias de comunicação também diz muito sobre que tipo de manuseamento simbólico e interações sociais são experimentados e que conseqüências a internet pode ter no propósito final de coletivos como o Indymedia, que visam construir novos mecanismos de mídia para os que precisam se fazer lidos, ouvidos e vistos. O manuseio de sites pode, como foi visto, ter resultados opostos. Ou, para citar novamente Pissarra:

As novas tecnologias integram-se de uma forma plena no processo de desenvolvimento das sociedades modernas, estão elas próprias profundamente atravessadas pelas grandes ambivalências que caracterizam a modernidade e que mantiveram desde sempre no seu interior a coexistência tensional de duas dimensões contraditórias: uma repressiva e outra emancipatória. (2003: 176)

Resta saber qual é a realidade que suporta essa saudável coexistência de opostos. Ou ainda, de que lado da gangorra está uma rede como o Indymedia.

## **Bibliografia**

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CASTELLÓ MAYO, Enrique. *La producción mediática de la realidad*. Barcelona: Laberinto, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2003.

DOWNING, John D. H. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.

GARCIA, David e LOVINK, Geert (1997), *The ABC of Tactical Media*, 16 de Maio, *Nettime* (<http://amsterdam.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9705/msg00096.html>).

GARCIA, David e LOVINK, Geert (1999), *The DEF of Tactical Media*, 22 de Fevereiro, *Nettime* (<http://amsterdam.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9902/msg00104.html>).

GARCIA, David e LOVINK, Geert (2001), *The GHI of Tactical Media: An interview by Andreas Broeckmann*, 15 de Agosto, *Nettime* (<http://amsterdam.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-0108/msg00060.html>).

LUHMANN, Niklas. *La Realidad de los Médios de Masas*. Barcelona: Anthropos, 2000.

PISSARRA ESTEVES, João. *Espaço Público e Democracia: comunicação, processo de sentido e identidade social*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

WOLF, Mauro. *Los Efectos Sociales de los Media*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1994.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-Vindo ao Deserto do Real*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Sobre o Centro de Mídia Independente [online]. Disponível na Internet via www. URL:  
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/about.shtml>